

Residência Social: o relato de uma imersão na associação de moradores do Conjunto Santa Luzia

Social Housing: an account of an immersion in the residents' association of the Santa Luzia housing complex

Vivienda Social: relato de una inmersión en la asociación de vecinos del conjunto habitacional Santa Luzia

Walter Jorge Drummond de Andrade¹, Mariselma Bonfim², Solange Sousa do Espírito Santo¹

¹ Universidade Federal da Bahia - Brasil. ² Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia

*Autor de correspondência: wjandrade@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste relato da experiência é descrever o conteúdo de uma atividade apresentada como requisito parcial para aprovação no componente disciplinar Residência Social do Mestrado Profissional e Interdisciplinar em Desenvolvimento Territorial e Gestão Social, vinculado ao Programa de Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS) da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia - EAUFBFA. A instituição acolhedora foi a Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia (AMCSL). A questão empírica está relacionada ao cotidiano de uma Organização da Sociedade Civil (OSC) sediada na Península de Itapagipe, Salvador, Bahia. A abordagem metodológica foi a pesquisa qualitativa, cujo método constituiu-se em uma observação participante. Os principais resultados alcançados foram uma aproximação da instituição com a universidade, que propiciou processos de ensino-aprendizagem mútuos e uma imersão no cotidiano de uma OSC. Foi possível concluir que a referida instituição cumpre um papel de fundamental importância na promoção de transformações sociais significativas no espectro de suas áreas de atuação.

ABSTRACT

The objective of this experience report is to describe the content of an activity presented as a partial requirement for approval in the Social Residency component of the Professional and Interdisciplinary Master's Program in Territorial Development and Social Management, linked to the Social Development and Management Program (PDGS) of the School of Administration - EAUFBFA of the Federal University of Bahia. The host institution was the Residents' Association of the Santa Luzia Complex (AMCSL). The empirical question relates to the daily life of a Civil Society Organization (CSO) located on the Itapagipe Peninsula, Salvador, Bahia. The methodological approach was qualitative research, whose method consisted of participant observation. The main results achieved were a closer relationship between the institution and the university, which fostered mutual teaching-learning processes and an immersion in the daily life of a CSO. It was possible to conclude that the institution plays a fundamental role in promoting significant social transformations in the spectrum of its areas of activity.

RESUMEN

El objetivo de este informe de experiencia es describir el contenido de una actividad presentada como requisito parcial para la aprobación del componente de Residencia Social del Programa de Maestría Profesional e Interdisciplinaria en Desarrollo Territorial y Gestión Social, vinculado al Programa de Desarrollo y Gestión Social (PDGS) de la Escuela de Administración - EAUFBFA de la Universidad Federal de Bahía. La institución anfitriona fue la Asociación de Residentes del Complejo Santa Luzia (AMCSL). La pregunta empírica se relaciona con la vida cotidiana de una Organización de la Sociedad Civil (OSC) ubicada en la Península de Itapagipe, Salvador, Bahía. El enfoque metodológico fue la investigación cualitativa, cuyo método consistió en la observación participante. Los principales resultados obtenidos fueron una relación más estrecha entre la institución y la universidad, que fomentó procesos mutuos de enseñanza-aprendizaje y una inmersión en la vida cotidiana de una OSC. Se pudo concluir que la institución desempeña un papel fundamental en la promoción de transformaciones sociales significativas en el ámbito de sus áreas de actividad.

PALAVRAS-CHAVE:

Rede CAMMPI
Escola Comunitária
Luiza Mahin
Península de Itapagipe

KEYWORDS:

CAMMPI Network
Luiza Mahin
Community School
Itapagipe Peninsula

PALABRAS-CLAVE:

Red CAMMPI
Escuela Comunitaria
Luiza Mahin
Península de Itapagipe

1 Introdução

O Território da Península de Itapagipe divide-se em 14 (quatorze) bairros: Boa Viagem, Bonfim, Calçada, Caminho de Areia, Mangueira, Mares, Massaranduba, Monte Serrat, Ribeira, Roma, Santa Luzia, Uruguai, Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro e parte do Lobato (correspondente à Península do Joanes, situado entre a linha férrea e a Enseada dos Tainheiros). Uma rápida visita ao território é suficiente para perceber as disparidades socioeconômicas e de infraestrutura urbana histórica dos bairros que o compõem e que se perpetua até os dias atuais.

A Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia (AMCSL) é uma organização da sociedade civil, não empresarial, sem fins lucrativos, com sede na Rua do Uruguai, nº18, Quadra 05, Praça Santa Luzia, Uruguai, com foro e jurisdição no território do município de Salvador. No início dos anos de 1980, ainda não institucionalizada, começou a prestar serviços à comunidade por meio da Escola Comunitária Luzia Mahin. Sua institucionalização ocorreu em 19 de julho de 1983, quando seu primeiro estatuto foi registrado.

Suas finalidades são: efetuar gestão junto aos poderes públicos, estimular as práticas democráticas no dia a dia da sociedade, defender os direitos e interesses da comunidade e administrar os recursos financeiros advindos da administração pública, de entidades privadas, dos associados ou de pessoas físicas. Atualmente, conforme novo estatuto, seus objetivos foram segmentados em áreas temáticas: educação, assistencial social, defesa de direitos humanos e sociais, arte e cultura, atuação comunitária, assistência social e saúde, empreendedorismo, meio ambiente e sustentabilidade e esporte.

Sua estrutura administrativa de gestão não sofreu alteração e continuou sendo composta pela Assembleia Geral, Diretoria e Conselho Fiscal. A Assembleia geral é concebida como órgão máximo. A(s) Diretoria, a serem eleitas pela assembleia geral, com mandato de dez (10) anos, podendo ser reeleita ou não, é constituída por quatro (4) cargos: presidente e pelas diretorias (administrativa e financeira, de educação/pedagógica e de assistência social). O Conselho Fiscal é composto por dois (2) membros eleitos pela assembleia geral e obedecem às mesmas prerrogativas das eleições e

tempo de mandato. Seus principais projetos são:

Escola Comunitária Luiza Mahin – Construída pela própria comunidade é considerada uma das primeiras iniciativas da Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia. Indignados com o fato de que a maioria das crianças da comunidade, entre 2 e 5 anos de idade, estava fora da escola formal por falta de vagas no sistema público de ensino, os moradores se uniram para construir o espaço que, desde o início, é administrado (gestado) pela própria associação. A proposta pedagógica da escola segue as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, do Ministério da Educação, e incorpora competências e habilidades extras, das quais suas fundadoras, mulheres negras da comunidade, sempre sentiram falta nas escolas públicas nas quais estudaram. Como principais temas destacamos os seguintes: empoderamento racial e de gênero, pertencimento comunitário, criatividade, empatia e cidadania e protagonismo e liderança. Competências estas que, em 2015, levaram a Escola Comunitária Luiza Mahin a ter seu trabalho reconhecido pelas organizações Alana e Ashoka, entrando para a seleta rede de Escolas Transformadoras do Brasil.

Creche Comunitária Ruby - A Creche Comunitária Ruby visa atender outra parcela das crianças da comunidade, desassistidas do ponto de vista educacional: bebês de 0 a 2 anos de idade que também não alcançam vaga na rede pública de ensino. Trata-se de um espaço de acolhimento e desenvolvimento para essas crianças, por meio da oferta de atividades educativas em período integral. A creche se tornou apoio, sobretudo, para as mães solo que precisam trabalhar para sustentar suas famílias e não têm com quem deixar seus filhos.

Banco Comunitário Santa Luzia - Com apoio da organização internacional Visão Mundial, constitui-se como a primeira iniciativa de economia solidária da comunidade. Com moeda social própria batizada de UMOJA, o banco facilita o acesso ao microcrédito solidário, a fim de que os moradores da comunidade possam investir em seus negócios e, conseqüentemente, contribuir para o crescimento da economia local. A moeda social UMOJA pode ser usada pelos moradores na compra de alimentos, remédios e gás, entre outros serviços oferecidos pelo comércio local. Cada 1 UMOJA equivale a R\$ 1,00. A moeda

social é uma forma de fazer o dinheiro circular dentro da própria comunidade e garantir o desenvolvimento local.

Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe (REPROTAI). A rede foi fundada em 2004 por jovens da comunidade, em parceria com a Associação Livre dos Moradores de Mangueira e o Grupo de União e Consciência Negra (GRUCON) - OSC's também sediadas no território, o que reforça a ocorrência de atuações em rede. A iniciativa busca estimular o protagonismo jovem, a fim de que os adolescentes sejam os agentes transformadores de suas realidades garantindo que tenham acesso a direitos básicos para o seu desenvolvimento. O objetivo da REPROTAI é criar mecanismos e oportunidades para que adolescentes e jovens da península superem as disparidades de formação e outras desigualdades provocadas pela situação de pobreza e tenham uma vida melhor.

Turismo Comunitário - Trata-se de uma ação que oferece aos turistas sociais vivências no território: oficinas de dança, teatro e capoeira, rodas de conversa, partidas de futebol e visitas às casas dos moradores. A iniciativa conta com a participação de jovens da comunidade que já participavam da REPROTAI. Os percursos turísticos são elaborados pelos próprios jovens, que também são guias dos passeios. Os roteiros visam resgatar a história do território, bem como valorizar o patrimônio sociocultural da região, além de fomentar a economia local.

2 A Imersão

SEMANA I – 23 a 29/11/2022

Fui recebido muito cordialmente pela coordenadora geral, dona Maria de Lourdes (Lurdinha), Jandayra, Carlos Baby, Sônia, Solange Sousa entre outros prepostos da associação. Apresentei-me a eles, brevemente, falando sobre aspectos da minha vida pessoal e do meu vínculo com o mestrado. Relatei sobre pesquisas que já fiz sobre a AMCSL no decurso de algumas disciplinas cursadas. Falei brevemente sobre o meu projeto de mestrado. Em reunião, expliquei do que se tratava a residência social. Tratei dos documentos que precisavam ser formalizados. Encaminhamos que eu enviaria uma minuta do plano de trabalho, bem como a carta de aceite.

Juntamente com Solange e Sônia, construímos um cronograma para as atividades do período de Residência Social. Fizemos um planejamento bastante consistente de modo a contemplar os diversos setores da associação, inclusive com instituições parceiras como a Rede CAMMPI (Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe), o Espaço Cultural Alagados e REPROTAI (Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe).

Fiz visitas diversas a espaços da instituição no âmbito da Escola Comunitária Luiza Mahin (um dos prédios que compõem a sede da AMCSL), salas, refeitório, biblioteca, setor financeiro.

Fui convidado pela coordenadora geral, Maria de Lourdes (Lurdinha), a participar, em uma das salas, da apresentação de um trabalho de campo de uma turma de medicina do Centro Universitário Unidonpedro. O trabalho de campo consistia em dar um suporte de saúde às crianças do território. Cadernetas de vacinação eram checadas e orientações nutricionais eram dadas aos pais e/ou responsáveis das crianças. Na oportunidade, foram passados diversos slides sobre o belíssimo trabalho de campo realizado por eles.

Tive conversas com as colaboradoras do setor de contabilidade, que me falaram sobre os desafios da gestão de recursos. Com Sônia e Solange, discutimos temas diversos sobre a escola, sobre o Banco Comunitário Santa Luzia, sobre o projeto de construção da Creche Ruby, sobre o Território da Península de Itapagipe e sobre o público alvo dos projetos da associação. Fui apresentado a diversas professoras, mediante visitas às salas de aula. Conversei com Valnísia e Leninha, secretária e gestora da casa no período da tarde, respectivamente, sobre aspectos atrelados a gestão.

Fui presenteado com livros para a minha filha de 9 anos, Maiara. Sônia Dias, psicopedagoga e Solange Sousa, pedagoga e mestra em educação, relataram sobre as atividades delas na associação, que envolve atendimento de alunos e responsáveis.

Tratamos sobre a história da AMCSL, dialogando sobre aspectos atinentes ao passado e ao presente. Conversamos bastante sobre o Plano de Bairros de Itapagipe, documento elaborado pela FMLF (Fundação Mário Leal Ferreira, autarquia vinculada a Prefeitura Municipal de Salvador) com participação de atores sociais do território da Península de Itapagipe.

Realizei leitura sobre o Plano de Bairros de Itapagipe. Mais uma vez expliquei sobre o meu projeto de pesquisa.

Observei o horário do almoço das crianças. Ouvimos o Hino ao Dois de Julho sendo cantado pelas crianças, com grande fervor. Elas cantavam alto e forte. Fui convidado a almoçar lá. A professora faz o encerramento das atividades escolares do turno matutino com uso de um microfone.

SEMANA II - 30/11 a 06/12/2022.

Devido a ausência de sensação de segurança no território, a atividade de Residência Social precisou ser interrompida, no período da tarde, era 30.11.2022. Eu tive que voltar uma hora antes do previsto.

Estive no Espaço Cultural Alagados. Trata-se de um equipamento cultural de grande relevância para a região de Alagados, Uruguai, Massaranduba, Jardim Cruzeiro e adjacências. Este espaço tem caráter multiuso para a população, especialmente para as crianças e os jovens. É um espaço dedicado, também, a realização de atividades artísticas e culturais por parte dos alunos da Escola Comunitária Luiza Mahin. O Espaço Cultural Alagados fica no final de linha do bairro Uruguai, próximo a Base Comunitária de Segurança (PM-Ba) e funciona como sala de ensaio, oficinas culturais e apresentações, portanto, em um outro lugar muito próximo a Escola Comunitária Luiza Mahin. O lugar tem capacidade para 150 pessoas e sua história começou com o Cine-Teatro Alagados. Hoje, o cine-teatro também funciona como sede da Associação de Capoeira Filhos do Sol Nascente e o Espaço Cultural recebe peças de teatro, festivais de dança e concertos musicais, além de outras atividades com a comunidade, como a gibiteca, oficinas, debates e exibição de filmes.

Vivenciei uma reunião de jovens coordenada por Jamira Muniz, uma das fundadoras da AMCSL e gestora do Espaço Cultural Alagados. Chama atenção a capacidade de liderança dela, a voz ativa e altiva na condução dos trabalhos. Vi jovens declamando poesia, tocando violão e cantando no encerramento da reunião.

Conversei com um colaborador daquele espaço que me relatou o cotidiano da praça em frente. Falou de pequenos empreendedores (havia diversos *foodtrucks*) que trabalhavam vendendo açaí, cachorro quente, pizza, entre

outras atividades como moto taxi. Mencionou a segurança daquele local de forma positiva dizendo que os jovens ficavam na praça até altas horas da noite. Vi alguns equipamentos como mesas de futetênis e tênis de mesa. Pude perceber jovens praticando.

Participei de uma reunião da Rede CAMMPI – Comissão de Articulação e Mobilização dos moradores da Península de Itapagipe. A Rede CAMMPI é um espaço social, político e econômico que tem como missão instigar a mobilização de ações no Território da Península de Itapagipe e adjacências, de modo a articular parcerias entre organizações comunitárias e empreendimentos populares da Península de Itapagipe, tais como: associações de moradores, grupos artísticos, religiosos e culturais, creches, escolas comunitárias, grupos produtivos, entre outros em um total estimado de 48 organizações; a AMCSL é uma delas. Trata-se de um movimento independente, organizado por lideranças comunitárias representantes das organizações da área da Península e movimentos sociais, atuando em um sistema de ações articuladas para o desenvolvimento sócio territorial. A reunião foi realizada no Instituto Luiza Mahin, um outro prédio onde antes funcionou um posto de saúde. Este prédio abriga um setor da AMCSL denominado Desenvolvimento Econômico, onde se dão os trabalhos de captação de recursos, bem como o Banco Comunitário Santa Luzia. Estavam presentes diversas pessoas, representantes de variadas organizações da sociedade civil do território. Raimundo Nascimento da Rede CAMMPI e do CAMA - Centro de Arte e Meio Ambiente - presidiu os trabalhos. Fizeram-se presentes a AMCSL (nas pessoas de Maria de Lourdes "Lurdinha", Sônia e Solange), a ADOCCI – Associação das Doceiras Cozinheiras e Confeiteiras de Itapagipe, a ABDAI - Associação Beneficente e Democrática dos Alagados de Itapagipe, entre outras organizações e populares.

A reunião, que acontece todas as segundas-feiras às 18:30hs, começou com uma breve apresentação dos participantes. Também estavam presentes duas colegas da turma de mestrado: Júlia Querol, que está fazendo Residência Social na Rede CAMMPI, e Ana Carine, representante do CAMA. Posteriormente a palavra foi concedida aos presentes. Raimundo leu o documento, Formulário de Recepção de Residência Social, emitido pela EAUFBA e tratou sobre o seu preenchimento. Outros informes foram mencionados, inclusive sobre ausências

de pessoas que deveriam participar daquela reunião. Começada a reunião tratou-se da iminente mudança do cenário político na esfera federal e das oportunidades que poderiam se abrir para as organizações da sociedade civil. Propôs-se uma roda de diálogo sobre Espaços Cívicos em defesa da democracia. Na oportunidade aprendi que se trata de uma esfera pública onde cidadãos se organizam, debatem e agem para influenciar as opiniões e políticas públicas. Falou-se sobre encaminhamentos a serem dados junto ao Conselho de Saúde Distrital. Falou-se sobre a importância da Estação Ciência enquanto espaço formativo para discentes das escolas comunitárias do território. Trata-se de o novo museu interativo de Ciência e Tecnologia gerido pelo Serviço Social da Indústria (SESI Bahia). A Estação Ciência faz parte do Centro Cultural Sesi Casa Branca, o mais novo espaço cultural de Salvador, localizado na Av. Caminho de Areia, Cidade Baixa. Foram abordados encaminhamentos para efeito de regularização fundiária no território. Também foi pautado a necessidade de desenvolvimento de ações voltadas para a Economia Preta. Fez-se a construção da pauta da nova reunião a ser realizada no próximo dia 12.12.2022. Considerando a atual sensação de insegurança no território propôs-se uma mudança de horário da reunião para as 16hs.

Conversei bastante com Solange sobre a importância da prática de atividade física na educação dos alunos. Ela falou em detalhes sobre os primórdios da AMCSL, mantedora da Escola Comunitária Luzia Mahin, bem como sobre os processos de construção da sede da associação. Falamos sobre os temas abordados do filme *Mulheres da Lage*, que retrata este período. Ela explicou como é feita a gestão compartilhada da Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus, que está localizada na sede da escola. Falou, ainda, como se dá o processo de captação de livros: aquisição, troca, doação. Mostrou como é feito o cadastramento e arrumação dos livros.

Em uma outra oportunidade, conversamos sobre o trabalho feito na biblioteca do Colégio Estadual Polivalente San Diego. Solange Sousa e Vilma Almada disseram que encontrava-se desorganizada e que haviam deixado tudo arrumado. Falaram, também, sobre as parcerias que possibilitam a aquisição de livros para fins de doação aos alunos do colégio, bem como para fins de distribuição na comunidade.

Em um outro momento, Solange estava distribuindo um envelope com livros para crianças da comunidade e escola. Eu vi uma criança com seu respectivo responsável dirigir-se a biblioteca para pegar o envelope. A biblioteca, além de mesas e cadeiras para leitura, dispõe de um espaço com almofadas ao chão para leitura. Mais de uma vez vi os alunos da escola se dirigirem a biblioteca para exercitar a prática da leitura, de forma lúdica, prazerosa e dialogada com as mediadoras por entenderem que o acesso a este local é direito de todos.

Fui pela primeira vez ao Instituto Luiza Mahin para vivenciar a gestão do Banco Comunitário de Santa Luzia. Na companhia de Mariselma (Selma) fiz o deslocamento da escola até lá, a pé, pelas ruas do bairro Uruguai; a distância é bem curta. Chegando lá nos dirigimos a uma sala no andar superior do prédio.

Carlos (Babi), responsável pela gestão do banco comunitário, nos recebeu. Começou trazendo os conceitos de economia solidária e bancos comunitários. Antes fez uma análise de conjuntura sobre a economia e política brasileira. Fez uma avaliação péssima sobre o atual governo federal, criticou o neoliberalismo e a elite nacional, chamando-a de perversa. Fez um histórico da criação do banco, também vinculado à AMCSL. Explicou a necessidade de um banco comunitário estar abrigado em uma OSC, uma vez que caso estivesse desvinculado incorreria em tributação específica a qual oneraria bastante a gestão. Falou sobre a grande contribuição técnica que o prof. Genauto (EAUFBA) e o professor Gabriel Kraychete (UCSAL) deram para tornar viável a implantação do banco. Falou sobre o processo de captação de recursos e fez um histórico deles, inclusive, mencionando valores. Mencionou uma OSC internacional, Visão Mundial, para fins de captação de recursos. Mencionou editais de chamamento público com base no MROSC (Marco regulatório da Organizações da Sociedade Civil – Lei 13.019/2014), junto aos quais logrou êxito para fins de estabelecimento de parcerias. Mencionou a importância da articulação política para fins de construção de editais de chamamento público voltado para a solução de problemas da comunidade.

Falamos sobre o PMIS – Procedimento de Manifestação de Interesse social, instituto da Lei Federal 13.019/2014 que versa sobre este tema. Falamos sobre a moeda social, UMOJA, e sobre a sua criação. Falou, também, sobre como se dão os empréstimos e o perfil de seus credores; na maioria mulheres. Tratam-se

de pessoas que tomaram empréstimo no banco e, por exemplo, viabilizaram sua “guia” (o carrinho) para a venda de milho e amendoim, entre outros pequenos negócios. Disse se tratar de um perfil de credores que jamais seriam atendidos pelos bancos comerciais, uma vez que não haviam como preencher os requisitos para fins de aquisição de créditos por lá.

Conversamos sobre a importância do Banco Comunitário de Santa Luzia na promoção do desenvolvimento socioterritorial, visto que possibilita a geração de oportunidades de trabalho através do financiamento de pequenos negócios e, a reboque, a melhoria da qualidade de vida para seus credores e família.

SEMANA III - 07 a 13/12/2022.

Conversei com Mariselma, também colaboradora do banco, sobre a relação do com a comunidade. Ela mencionou cursos que são feitos, a saber de manicure e sobrancelha, por exemplo, os quais capacitavam atores locais para fins de implantação de seus próprios negócios. Mencionou a participação em feiras de economia solidária, bem como a captação de recursos por meio da venda de artesanatos. Falamos sobre os impactos da pandemia nas atividades do banco e no cotidiano da comunidade.

Aceitei o convite feito por ela para participar do III Encontro Paulista e I Encontro Mineiro de Bancos Comunitários, nos dias 08 e 09/12/2022. Selma me passou um link e eu, prontamente, realizei a inscrição.

Particpei do III Encontro Paulista e I Encontro Mineiro de Bancos Comunitários. A abertura se deu com a declamação de um poema de Luis Tati. Em seguida foram feitos os informes no sentido de combinar as finanças solidárias com a geração de energia. Após isso tivemos a fala de José Genoíno, político brasileiro, ex-presidente do Partido dos Trabalhadores, ex-deputado federal pelo Estado de São Paulo. Ele fez uma fala sobre a conjuntura política do país, sobre a crise do modelo neoliberal e do modelo de organização financeira. Mencionou a necessidade de incentivar a agricultura familiar, os bancos comunitários, a economia solidária. Alicerçado em Gramsci mencionou a necessidade de sair do senso comum para o bom senso. Em seguida foi concedida a fala a Hamilton Mendes Rocha, a Márcio Rosa Portes e a diversos representantes de bancos comunitários, que contaram suas experiências. Falou-

se sobre a proposta de projeto de energia solar nas comunidades e formas de financiamento, sobre encaminhamento organizativo da rede mineira de bancos comunitários e, em seguida, deu-se o encerramento.

A abertura do segundo dia se deu com a fala do professor Ladislau Dowbor, economista brasileiro, de origem polonesa. É professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Na oportunidade, fez uma fala sobre a conjuntura financeira mundial; com enorme brilhantismo. Em seguida representantes de bancos comunitários expuseram suas experiências de gestão.

Estive no Instituto Luiza Mahin ("posto", como é chamado lá) para conversar sobre a gestão das escolas comunitárias e sua relação com a economia solidária. A conversa se deu com Mariselma (Selma). Primeiramente ela falou sobre o conceito de escolas comunitárias. Disse que nos seus primórdios era utilizada uma metodologia inspirada no pensamento de Paulo Freire. Posteriormente ela falou do perfil dos pais de alunos, ainda nos primórdios. Tratavam-se de feirantes, biscateiros e babás, por exemplo, que deixavam seus filhos nas escolas para poderem "fazer o seu corre", ou seja, trabalhar para garantir o sustento das suas famílias. Mencionou que a maioria era de mulheres, arrimo de famílias. Selma explicou o contexto sócio econômico e geográfico da Península de Itapagipe ao final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Falou da vida nas palafitas. Propôs que a gente fosse visitar o local onde, antes, as palafitas estavam instaladas. Eu, prontamente, aceitei.

Acompanhado de Selma, visitei o local. Obviamente, por questões de segurança, ela perguntou se eu me importava em deixar minha carteira e telefone celular na sala do instituto e eu disse que não. Andamos pelas ruas do Uruguai e adentramos a Paróquia Nossa Senhora dos Alagados e São João Paulo II, onde falei rapidamente com a colega deste mestrado Hilda Almeida que ali trabalha. Subimos a escadaria e ela me conduziu a um platô onde era possível visualizar a Baía de Itapagipe. Havia crianças brincando no pátio da paróquia. Descemos a comunidade. Ela queria me mostrar um local onde se faziam artesanatos. Andamos pelas ruas estreitas até chegar as margens da baía de Itapagipe, onde ela me mostrou onde estavam localizadas as antigas palafitas. Contou-me sobre a economia local, cuja a atividade pesqueira era bem intensa, falou sobre as "ressacas" de maré que até hoje inundam a região.

Contou-me diversas histórias de pessoas da localidade. Demos a volta e voltamos para o instituto por um outro lugar que dava na praça do final de linha do Uruguai.

Visitamos a sede do CAMA – Centro de Arte e Meio Ambiente, OSC que trabalha em parceria com outros movimentos sociais e dialoga com governos por um mundo ambientalmente justo, com igualdade de direitos e livre de todas as formas de discriminação. Havia mulheres, costureiras, trabalhando na confecção de sacolas. Também visitei a sede da ADOCCI - Associação de Doceiras, Cozinheiras e Confeiteiras de Itapagipe que se reúnem para preparar delícias da culinária antiga, como o arroz de aussá e o chá de burro, o famoso munguzá. Ambas as visitas foram guiadas por Ana Karine Nascimento, representante do CAMA e membro da Rede CAMMPI.

Particpei, mais uma vez, da reunião semanal da REDE CAMMPI, no Espaço Cultural de Alagados. Já eram 16:45hs. Estavam presentes eu, Júlia, Ana Karine, Raimundo Nascimento (CAMA), Lurdinha, Sônia, Selma, Carlos “Baby” (AMCSL), Jamira Muniz (AMCSL - REPROTAI), Ana Sueli da ADOCCI e Ramon (assessor da deputada Olívia Santana), entre outros. A pauta era o “jegue” e a montagem de uma “frente” parlamentar para encaminhar e dar celeridade a execução do PRDI – Plano Referencial de Desenvolvimento Sustentável da Península de Itapagipe. Quanto ao “jegue”, trata-se de uma tradicional expressão cultural do território, ou melhor de uma festa em formato de desfile com música, que ocorre todo ano e tem como simbolismo casamento do Jegue de Cueca com a Jega de Calçola. É uma festa que mobiliza muita gente do território.

Discutiu-se como seria o formato desta “frente parlamentar”. Mencionou-se os riscos desta formação, mas os mesmos não foram mencionados. Tratou-se sobre o tema Observatório do Racismo Ambiental. Foram mapeados os políticos que angariaram uma quantidade significativa de votos no território para a composição da “frente”. Fez-se a proposta de que as demandas a serem tratadas deveriam ser segmentadas; habitação, saúde, cultura, etc. Ficou encaminhado que deveriam ser identificadas as prioridades em cada um destes campos temáticos. Tarefas foram distribuídas.

Quanto a pauta da festa do “jegue” as discussões giraram em torno da arrecadação de recursos para a realização, visto que a pandemia impossibilitou

a realização da festa nos últimos anos. A estrutura da festa demanda camisas, som (minitrio), bebidas, alimentação, entre outras coisas. Tarefas foram distribuídas, falaram dos informes e a reunião foi encerrada volta das 19hs.

SEMANA IV – 14 a 20/12.

Dialoguei com Lurdinha, coordenadora Geral da AMCSL. Trata-se de uma senhora de muita fibra e possuidora de um grande senso de liderança, não só na associação, mas também no território da Península de Itapagipe. Tomando como mote a gestão, perguntei se ela poderia identificar os pontos fortes e os pontos fracos, as ameaças e oportunidades. Como ponto forte ela respondeu que era o “desejo de crescer, o desejo de mudar”. Entendi, de imediato, o grandioso papel da AMCSL na transformação da vida de pessoas dentro de um contexto em que o perfil das mesmas está atrelado a diversas vulnerabilidades – (econômico e social). Muitas vezes próximas a linha da extrema pobreza. Percorri as ruas e pode perceber isso de forma muito clara. Ela também mencionou o “senso de pertencimento”, ou seja, realização de ações voltadas para o coletivo da comunidade. Estava claro que se faz gestão social. Como ponto fraco ele citou que “só tem um projeto ligado ao município”. Tratava-se de apenas uma fonte de recursos que custeia as ações da associação. Entendeu como uma ameaça a tributação do imposto patronal. Tratava-se do INSS patronal. Contribuição previdenciária paga pelo empregador com o fim de financiar a Seguridade Social, e não somente os seus empregados e prestadores de serviço. O INSS patronal consiste em contribuições sociais a serem recolhidas pela empresa para o INSS. Ela mencionou que estava em tramitação um PL que tinha como objetivo isentar as OSC's de tal tributo.

Conversamos, também, sobre a renovação das lideranças. Ela disse ser muito cuidadosa com isso e que vem treinando alguns quadros para, futuramente, assumir esse papel. Conversamos sobre o desafio da gestão de pessoas. Procurei saber, de modo geral, qual é o perfil exigido para fazer parte do conjunto de colaboradores da AMCSL. Ela respondeu que precisa gostar de gente, ser agregadora, ter capacidade de liderança, estar predisposta a vivenciar processos de capacitação continuada.

Em uma outra abordagem ela mencionou a importância da Igreja Católica

para fins de criação da AMCSL, bem como a importância que tem hoje em face das ações que realiza em prol do território. Conversamos sobre os desafios da gestão dos recursos financeiros e da importância de profissionais capacitados na área contábil.

Fez relatos sobre os desafios e dificuldades em executar a política de salários na associação. Ressaltou a importância de a associação atuar em rede com outras organizações do território. Por isso faz-se presente de forma constante nas reuniões da Rede CAMMPI. Falando sobre os primórdios da associação, mencionou as dificuldades que as pessoas enfrentaram vivendo nas palafitas. Falou também no resultado do trabalho, ou seja, das ações realizadas pela AMCSL quanto ao impacto na mudança de realidade das pessoas. Lurdinha reconheceu a importância dos processos de capacitação e disse que sempre incentivou seus colaboradores a ir para a universidade estudar. Disse incentivá-los de forma constante a também realizar cursos de profissionalização e capacitação.

Conversei com Aucélia (Célia), responsável por uma das turmas de educação infantil e também pela creche. A AMCSL está em processo de captação de recursos a fim de que o espaço destinado a Creche Ruby seja edificada. Hoje a creche está localizada no prédio da Escola Comunitária Luiza Mahin. A associação possui, hoje, dois prédios. Um que abriga a escola e outro, antigo posto de saúde, que abriga o Instituto Luiz Mahin. Ela explicou como se dá a gestão pedagógica. Falou sobre o processo de elaboração do projeto pedagógico anual. Fez questão de ressaltar que se trata de um processo participativo em que o corpo docente faz parte das tomadas de decisão. Ela disse que todo ano se elegem temas atrelados ao projeto pedagógico. Citou os temas A Cidade que Queremos e O Boi Garantido. Mencionou, também, as dificuldades relacionadas a educação infantil em um contexto de pobreza e muitas carências por parte das crianças.

É característica da AMCSL atuar em rede com outras organizações da sociedade civil do território da Península de Itapagipe. Nesses termos fui convidado a conhecer a Associação João de Deus. Localizada na Rua Direta do Uruguai, próximo a Escola Comunitária Luiza Mahin, que tem como intuito unir as pautas da religiosidade e da mudança social. Além disso é movido pelo desejo

de proteção da infância das crianças da comunidade. A Associação João de Deus está sediada na Paróquia de Nossa Senhora dos Alagados e São João Paulo II, na rua Direta do Uruguai.

Inicialmente fiz uma visita guiada por, onde foram mencionados aspectos históricos e geográficos relacionados a construção da paróquia. Também foram mencionados aspectos relacionados ao contexto econômico e social do público alvo das ações da Associação João de Deus. Ela também contou curiosidades da arquitetura da paróquia. Aceitei o convite para o almoço. Almoçamos na sala em que os alunos de um dos projetos da associação almoçavam. Depois visitei a estrutura administrativa. Conversei com colaboradores do setor financeiro. Ele, Vanderson, mencionou dificuldades para fins de captação de recursos. Explicou que a matriz de captação de recursos era composta de doações e dízimo. Eu falei sobre o Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil – MROSC. Ele não conhecia. Então passei a estimulá-lo a conhecer na tentativa de dizer que se tratava de boas oportunidades para fins de captação de recursos públicos, por meio de participação em chamamentos públicos. Tratamos sobre os aspectos da lei 13.019/2014, geradora da agenda MROSC, falei como se dão os processos de seleção e me coloquei a disposição para fins de compartilhamento de materiais.

Voltei a comunidade dos Alagados. Guiado por Hilda, representante da Associação João de Deus, fomos ao Centro Irmã Dulce – CID. Entramos por uma rua contígua a que havia entrado dias antes. O CID é formado por um lugar cercado por muros onde pude perceber um conjunto de salas e um espaço destinado a uma cozinha industrial. Participei da distribuição de sopa a jovens, crianças e mães da comunidade. Foi um momento belíssimo e emocionante. Hilda explicou o papel dos missionários que ali estavam. Jovens casais franceses, que vieram ao território passar dois anos por ali fazendo caridade. Fiquei emocionado em alguns momentos. Visitei o projeto Sonho de Mãe, que funcionava em uma das salas do CID. Uma das colaboradoras, Rita, explicou que o objetivo do projeto é acolher jovens mães e gestantes, muitas delas na faixa de 15 anos, e dar orientações sobre o momento gestacional e pós-parto. Além disso, estimulá-las a costurar seus próprios enxovais. Trata-se de um público alvo

com diversas carências, muitas delas afetivas, que o projeto objetiva mitigar. É um projeto grandioso. Fui tomado por sentimentos de compaixão, tristeza e impotência diante daquela cruel realidade. Coloquei-me a disposição para trabalhar como voluntário e prometi que voltaria a visitar a paróquia, bem como seus projetos com minha esposa e filhos. Hilda mencionou um outro projeto que tem como objetivo o acolhimento de idosos.

Fui com minha esposa e filha assistir ao auto de Natal da Escola Comunitária Luiza Mahin, na praça em frente a mesma. Trata-se de uma festa de encerramento das atividades do ano letivo, construída em parceria entre a rede REPROTAI e o Espaço Cultural Alagados. Chegando lá fomos recebidos por Leninha. Diógenes fez uma visita guiada para minha esposa e filha ao interior da escola. O Auto de Natal constou de uma série de apresentações artísticas e culturais dos alunos e alunas, que envolveu música, dança e poesia. Houve a participação de diversos membros da REPROTAI. Chamou-se a frente os colaboradores e colaboradoras da associação, desde professoras até as cozinheiras, para homenagens e agradecimentos. O público era composto por mães, pais e responsáveis dos alunos e alunas da escola.

Na data de hoje, 20.12.2022, conforme ficou estabelecido no cronograma e no plano de trabalho, estive na AMCSL para fazer a devolutiva. Uma espécie de relato meu sobre como foi a experiência da Residência Social. Reunido com Solange Sousa, Mariselma Bonfim (Selma) e Marilene da Conceição Nascimento (Leninha) fizemos a leitura do relatório de conclusão. Na oportunidade fizemos pequenos ajustes ao mesmo que enriqueceram bastante os relatos.

Leninha mencionou a importância das articulações feitas pela AMCSL com as universidades. Relatou que sempre recebem muitas universidades, inclusive privadas. Leninha mencionou o turismo de base comunitária como um elemento de grande importância para o território da Península de Itapagipe.

No ato da leitura deste relatório, Marilene da Conceição Nascimento, mais conhecida como Leninha, ressaltou a importância de outras matrizes religiosas, a exemplo das religiões de Matriz africana e o espiritismo para a associação. Destacou, também, a importância da Casa de Oração Mariazinha, que vem contribuindo bastante para a comunidade.

Selma mencionou a importância do GRUCON – Grupo União e Consciência

Negra. Trata-se de uma organização, instalada em Salvador-BA, na pessoa de Ana Rosa, que teve uma relação muito relevante em face das escolas comunitárias do território, a saber Escola Popular de Alagados e Escola Educar para Libertar, no bairro da Massaranduba. Ela é uma das fundadoras da Associação de Educadores das Escolas Comunitárias – AEEC. Além disso ela lutou para que a capoeira virasse um patrimônio cultural.

Feita a leitura do relatório ouvi as considerações finais das colaboradoras da AMCSL, partilhamos agradecimentos e congratulações antes de encerrar os trabalhos. Foi um momento de grande emoção, saudades e contentamento.

3. Considerações Finais

Antes de mais nada, queremos referendar e recomendar que este mestrado jamais deixe de tornar obrigatória a Residência Social. Vivi experiências que possibilitaram me tornar um ser humano maior. Vivenciei realidades que não me pertencem e isso é, de fato, engrandecedor para o ser humano. A experiência foi muita proveitosa.

Estamos convictos de que a imersão na Residência Social respeitou os dois vínculos: temporal e geográfico, uma vez que a experiência foi realizada no *lócus* da minha pesquisa.

Estamos plenamente convicto de que a Residência Social atingiu o objetivo de proporcionar um contexto de aprendizagem prático-organizacional que permitiu criar e dar sentido a diferentes realidades utilizando “materiais” ou “conhecimentos” velhos e novos, num exercício de “produção de sentido” e de “conhecimento ativo”.

Ressalto que fui muito bem acolhido pela AMCSL – Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia.

Elaboramos um planejamento consistente que proporcionou um conhecimento muito amplo da estrutura da organização, bem como uma aferição dos impactos altamente positivos de suas ações para o desenvolvimento socioterritorial do território da Península de Itapagipe.

É perceptível a importância da atuação em rede por parte da AMCSL em consonância com diversas outras organizações da sociedade civil, sobretudo articuladas a Rede CAMMPI.

É patente a importância das articulações políticas, por parte das organizações da sociedade civil, para fins de reivindicações de elaboração e execução de políticas públicas em prol do interesse coletivo.

Fizemos incursões às ruas do território, o que reputa-se como sendo de suma importância, de modo a conhecer a realidade socioeconômica das pessoas que ali residem. Percebe-se a vastidão do território da Península de Itapagipe, onde a extrema pobreza contrasta com bairros que dispõe de melhor estrutura.

Enfim agradecemos a todos e todas as colaboradoras pelo amor, cuidado e carinho. Um agradecimento especial a Tiago Muniz, a quem muito devo a honra de ter sido acolhido pela AMCSL.

Vida longa e sucesso a Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia!